

# O “PAPA DOS LOUCOS”: UMA LEITURA SOBRE A DIFERENÇA A PARTIR DA OBRA “O CORCUNDA DE NOTRE-DAME” DE VICTOR HUGO

*Fernanda Cristina de Souza<sup>1</sup>  
César Donizetti Pereira Leite<sup>2</sup>*

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir questões relacionadas à educação especial, infância e literatura, a partir de relações estabelecidas com a obra “O Corcunda de Notre-Dame”, de Victor Hugo. Neste contexto, destacam-se a idéia da construção social de estigmas presente nas relações com a diferença e com a diversidade, assim como noções sobre o devir. Como referencial teórico para a compreensão do processo de negação das diferenças, os autores utilizam os conceitos de Wallon sobre afetividade.

**Palavras-chaves:** Educação especial; Literatura e Infância.

## **LIVRO PRIMEIRO: TRAÇANDO OS PRIMEIROS OLHARES SOBRE A DEFICIÊNCIA**

As discussões em torno da temática da inclusão têm ocupado um espaço significativo no cenário educacional dos últimos anos. No Brasil, as políticas de inclusão da pessoa deficiente ganham força nos meados dos anos 90, período em que se fomentam os movimentos de “Educação para todos”, iniciados no Consenso de Washington através da Declaração Mundial sobre educação para todos (1990)<sup>3</sup> e da Declaração de Salamanca (1994) que acaba por estabelecer princípios e fins para a educação especial numa perspectiva estritamente educacional.

O discurso, politicamente correto, sobre a inclusão da pessoa deficiente e o paradoxo de uma sociedade cada vez mais excludente nos diferentes âmbitos em que ela se apresenta, deixa implícitas as dificuldades que a sociedade contemporânea tem encontrado em interagir com as diferenças humanas. Sempre excluímos aquele que nos apresenta algo diferente. Sempre marcamos e pontuamos com ironias o diferente, pois vivemos em um mundo onde as relações de interação entre os diversos “eu (s)” e o (s) “outro (s)” são marcadas por conflitos, crises e antagonismos.

Nesse cenário, o que verificamos é que, ao longo da história da educação especial, os olhares lançados para a deficiência assumiram, sobretudo, o caráter de estigmatização de sujeitos, cujas características físicas, psíquicas, sensoriais e até mesmo sociais serviram como elementos de segregação da pessoa categorizada como deficiente.

---

*1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). <fernanda-vo@uol.com.br >*

*2 Professor do Departamento de Educação – Universidade Estadual Paulista –UNESP, campus Rio Claro. Doutor em Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). <mvhleite@uol.com.br>*

*3 O Consenso de Washington (1990) refere-se a um dos movimentos educacionais, influenciados fortemente pelo financiamento de agências internacionais, tais como: FMI e Banco Mundial, nos países latino-americanos, sob o argumento de intensificação do crescimento econômico dos países periféricos. A Declaração de Washington acabou por impor medidas educacionais a esses países, defendendo os ideários neoliberais.*

Manifestar e explicitar as dificuldades que o humano tem em lidar com as diferenças não é nada fácil. Assim como não é fácil admitir o conjunto de valores, sentimentos e relações afetivas que envolvem a complexidade dos processos de constituição da deficiência a partir das relações entre “eu (s)” e “outro (s)”. Para isso, esse mesmo humano cria mecanismos de representação da realidade, na tentativa de encontrar respostas ou, até mesmo, justificativas para compreender aquilo é capaz de mostrar a sua própria incapacidade.

É desse modo, que trazemos inicialmente para essa discussão, o papel ocupado pela Literatura, compreendida nas suas mais variadas possibilidades, entre elas, a que nos coloca diante dos contornos entre o real e o ficcional, entre aquilo que toca nossa vida por produzir sentido e aquilo que produz sentido por tocar nossa vida. Dessa forma, o poder ocupado por muitas obras literárias é singular, mas especificamente há uma que tem muito contribuído com nossas reflexões, não só pela beleza literária, como também pela temática que propõe. Trata-se de “O Corcunda de Notre-Dame” de Victor Hugo.

Esta obra lança um olhar interessante sobre a diferença, sobretudo, no período em que ela ocorre, mas que poderíamos acompanhar até hoje. A discussão que Hugo apresenta das representações de relações da sociedade europeia no século XV abre espaços, nesgas que marcam a profunda distância entre o que falamos, e o que de fato vivemos e sentimos, ou seja, poderíamos dizer que é um período que deixa marcas no modo de constituição da deficiência na trajetória da educação especial, ou, ainda, na educação da diferença e da diversidade.

A concepção de diferença que pretendemos discutir refere-se aquela que coloca o humano na condição de desviante em função de causas e origens ligadas a aspectos ideologicamente determinados e socialmente incorporados. Nessa medida, o indivíduo “diferente” aqui referido é aquele que não compartilha as expectativas determinadas socialmente e que acaba por incorporar o rótulo de deficiente (lançado pelas dinâmicas sociais), que têm origem nas concepções de desvio e anormalidade.

Goffman (1988) afirma que uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, em parte, porque foram incorporadas. Nesse sentido, quando as normas são “quebradas” por alguns grupos ou membros, surgem os mecanismos de controle, buscando eliminar os “culpados” pelos “desvios causados”. “O fracasso ou o sucesso em manter tais normas têm um efeito muito direto sobre a integridade psicológica do indivíduo” (Goffman, 1988, p.138).

Arelada a discussão sobre os olhares lançados para a diferença buscaremos, ao final, estabelecer uma relação entre os movimentos atuais de inclusão e o modo de constituição da infância no cerne da sociedade contemporânea, que tende a eliminar todos aqueles que se afastam dos padrões necessários à produção, mesmo ainda defendendo o discurso politicamente correto da inclusão.

## **LIVRO SEGUNDO: O ROMANCE – ENTRA EM CENA O “PAPA DOS LOUCOS”**

O romance “O Corcunda de Notre-Dame” foi escrito por Victor Hugo no ano de 1831, trazendo como característica marcante a denúncia de conflitos presentes na dinâmica social. O enredo reflete também marcas de um pensamento estético e filosófico específicos, assim como traços históricos da sociedade do século XV.

O discurso utilizado por Victor Hugo revela os elementos presentes nos conflitos humanos, apontando os jogos contidos nas relações de poder desse período ao evidenciar as intrigas, as relações de amor e ódio, os jogos de sedução e as estratégias utilizadas para a eliminação do outro.

Surge no enredo Quasímodo. Um estereótipo da diferença e do desvio. Aquele que representa o fracasso por não sustentar as normas instauradas pela sociedade medieval.

Não foi por acaso que Quasímodo é eleito O “Papa dos Loucos”:

*(...) Fora eleito o Papa dos Loucos. – Aleluia! Aleluia!” – gritava o povo de todos os lados. Era, com efeito, uma carranca maravilhosa a que, naquele momento, resplandecia pela abertura da rosácea. Não tentaremos dar ao leitor a idéia do nariz tetraédrico, da boca em ferradura, do pequeno olho esquerdo obstruído pela sobrancelha ruiva e emaranhada enquanto o olho direito desaparecia completamente sob uma enorme verruga, dos dentes desordenados, falhados aqui e lá (...) o esgar, aquela careta medonha, era o seu próprio rosto (...) Uma cabeça formidável, com uma cabeleira ruiva eriçada; entre os ombros, uma protuberância enorme que, com o movimento, percebia-se pela frente; um sistema de coxas e de pernas tão singularmente descambadas que apenas se podiam aproximar pelos joelhos e, vistas de frente, pareciam duas lâminas recurvas de foices, unidas pelo cabo, pés largos, mãos monstruosas; e, com toda essa deformidade, não sei que porte temível de vigor, de agilidade e de coragem (...) – É Quasímodo, o sineiro! É Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o cambaio! Aleluia! Aleluia! (Hugo, 2003, p. 60).*

A Festa dos Loucos é descrita por Mestre Jacques Coppenole, na obra de Victor Hugo, como um momento de muita diversão, onde a multidão é reunida e “cada um mete a cabeça por um buraco e faz uma careta aos outros. Aquele que fizer a momice mais feia é eleito papa por aclamação” (Hugo, 2003, p.56).

Não é de se estranhar que Quasímodo, o sineiro da catedral de Notre-Dame, tenha sido eleito o “Papa dos Loucos”. Ele tinha todas as características para receber essa nomeação. E foi com alegria que o sineiro contemplou essa titulação, afinal, por ao menos uma vez, fora reconhecido com congratulações por algo que o fazia ficar escondido dos olhares da multidão: sua diferença.

Quasímodo passava seus dias fechado na catedral de Notre-Dame. Era uma criatura isolada consigo mesma, considerado pelos poucos que o rodeavam como, ora louco, ora idiota. Sem contar que a cegueira e a surdez lhes ocuparam o corpo, fatores que marcavam, de certa maneira, o modo como se relacionava com o mundo.

*O primeiro efeito desta fatal organização era o de turvar-lhe o olhar que lançava sobre as coisas. Delas quase não recebia nenhuma percepção imediata. O mundo exterior parecia-lhe muito mais distante que a nós. O segundo efeito de sua desgraça era torná-lo mau. Ele era efetivamente mau, porque era selvagem; era selvagem, porque era feio. Na sua natureza, como na nossa, havia uma lógica (Hugo, 2003, p.162).*

E assim, Quasímodo era castigado por sua diferença e por sua anormalidade. É certo que possuía uma forma peculiar de olhar para as coisas, porém isso o tornava “feio”, causando-lhe o estigma de desviante. É interessante salientar que o autor descreve toda a alegria de Quasímodo, quando é eleito o “Papa dos Loucos”. Ele manifestara pela primeira vez uma expressão de amor-próprio. Era como se toda a sua beleza fora externalizada através da sua “feiúra”. O Corcunda fora contemplado com todos os acessórios que o fez se destacar no meio da multidão: um cortejo, fora levado sobre um andor, apresentara um báculo nas mãos, uma capa e uma mitra sobre a cabeça.

O título de “Papa dos Loucos” pode demonstrar um valor simbólico contra os princípios da Igreja, que no período da Idade Média representou um poder socioeconômico de grande força. Assim, satirizar o poder da igreja pode simbolizar uma afronta aos conflitos sociais postos nesse período, estando Quasímodo à frente dessa disputa que ocupa um papel, acima de tudo, político.

A vitória de Quasímodo como “Papa dos Loucos” marca uma relação ambígua de aceitação x negação por sua diferença. Por um lado, a afronta aos princípios e poderes da Igreja, dá ao Corcunda um prestígio nunca adquirido antes, acabando por acolhê-lo, por aceitá-lo, por contemplar o seu modo diferente de interagir com o mundo. Por outro lado, a satirização de sua “feiúra”, explícita toda a repulsa à sua “estranha” diferença. Se pudermos verificar, esta ambigüidade também se faz presente em nossas práticas cotidianas com a criança. Ao mesmo tempo em que aceitamos as suas diferenças, as excluímos em suas “inferioridades”; as caracterizamos como sendo dóceis e angelicais, devido a sua suposta pureza, ao mesmo tempo em que agressivas e irracionais por sua suposta deficiência.

Essa ambígua relação presente no papado dos loucos esconde, acima de tudo, a dificuldade coletiva em lidar com a diferença. Quasímodo é negado porque é “feio”, mas é aceito por tornar-se à frente de uma disputa política que desafia os poderes da Igreja no século XV. O conjunto de relações que envolve a aceitação e negação da diferença no enredo de Victor Hugo, traz marcas dos modos de representação da sociedade medieval e renascentista ao se olhar para a deficiência.

A concepção em torno da deficiência, num dos períodos da história da educação especial, assume uma dimensão atrelada à ambígua relação entre caridade e castigo. A idéia de alma imortal marca a compreensão sobre a constituição de um homem que é inferior a um Deus que é eterno e único. Desse modo, algumas virtudes devem ser fundamentais nesse homem: fé, esperança e caridade, por exemplo. As pessoas deficientes assim, “de um lado, recebem alguns cuidados como um cristão, como alimentação e acolhimento, e, de outro, vistas como culpadas de sua própria deficiência, são torturadas e mortas” (Kassar, 1999, p.02). Essa concepção de deficiência pode ser identificada também na obra de Victor Hugo.

Outro aspecto relevante apresentado por Victor Hugo na obra refere-se às relações de afetividade entre Quasímodo e Dom Cláudio Frollo, o arcebispo da Catedral de Notre-Dame. Quasímodo morava na catedral de Notre-Dame, onde fora deixado quando pequenino, numa bela manhã de um domingo de Pascoela, após a missa, na mesma Igreja. A situação fora assim descrita pelo autor:

*(...) Sobre a banca de madeira chumbada no adro, em frente à grande imagem de São Cristóvão (...) sobre essa banca de madeira, era costume expor as crianças abandonadas para a caridade pública. Pegavam-nas ali quem quisesse. Na frente da banca de madeira havia uma bacia de cobre para as esmolas (...) Efetivamente, não era um recém-nascido o pequeno monstro. Era uma pequena massa muito angulosa e muito inquieta, aprisionada em um saco de tecido (...) apenas com a cabeça para fora. Essa cabeça era algo bastante disforme. Via-se apenas uma floresta de cabelos rui- vos, um olho, uma boca e os dentes (...)* (Hugo, 2003, p. 151)

Após grande espanto dos beatos de Notre-Dame, Cláudio Frollo, também considerado feiticeiro por alguns, declara adotar a criança abandonada.

Os conflitos presentes na relação entre Quasímodo e Frollo demonstram o olhar caritativo lançado para as deficiências da personagem, características de um dos períodos da história da educação especial. O arcebispo assim, se assumia como pai do Corcunda, numa intensa interação de amor,

por exercer uma ação de caridade em nome de Deus, e ódio, por abominar sua diferença, vista como fruto do pecado e do castigo.

Um outro elemento apresentado por Victor Hugo e que marca a relação de ódio entre Cláudio Frollo e Quasímodo é o fato de ambos compartilharem desejos por uma só pessoa: Esmeralda, personagem que também assume um papel de desvio na trama de Notre-Dame.

Esmeralda é de origem cigana, povo que durante a Idade Média foi perseguido pela Igreja, sob a justificativa de feitiçaria e afronta aos ideários cristãos. A presença de Esmeralda no enredo de Victor Hugo evidencia a relação que iguala Frollo à Quasímodo: a mesma paixão pela cigana, fator que intensifica as formas de eliminação do Corcunda, por revelar as fragilidades do arcediogo.

### **LIVRO TERCEIRO: O OUTRO, CARETAS E DIVERSIDADE**

O olhar lançado para a construção da deficiência no enredo pode ser compreendido a partir da relação *eu* e *outro*. Esta relação se dá de forma dinâmica e de interação mútua entre um e outro. Poderíamos pensar que este processo constitui-se numa relação dialética, no sentido de que ambos se constroem a partir de uma inter-relação conjunta e indissociável, é como se algo ocorresse no processo de diferenciação a partir das semelhanças.

Na busca de elucidar essa complexa relação *eu* e *outro*, tomaremos como ponto de partida a dinâmica relação sobre a construção da pessoa na teoria de Wallon. Desde o seu nascimento, a criança se constitui num ser social e que irá desenvolver-se através da sua relação com o mundo. Assim, emoções, afetividade, linguagem e motricidade se processarão através de interações.

A construção do “eu” é fruto dessa complexa relação com o meio social: “Wallon levanta a hipótese de que a relação com as outras pessoas é intermediada pelo fantasma do outro que cada um de nós traz em si” (Bastos, 2003, p.60). Esse “eu” vai se modificando ao longo de sua construção numa perspectiva de diferenciação e complexidade.

O “outro” presente na trajetória de construção do “eu”, como elemento intrínseco e conjunto, é chamado por Wallon como *socius* ou *alther*. Esse “outro” é considerado como um elemento que acompanha intimamente o “eu” na sua origem e na sua subjetividade. É importante salientar que o “eu” da criança vai se delineando à medida com que essa vai se construindo como pessoa, passando a ter uma maior consciência sobre si mesma e, nessa mesma medida, é que o seu “outro” vai “tomando forma”. Assim, a consciência do outro íntimo, do *socius* é fundamental, pois permite o delineamento da relação do “eu” com os outros externos.

Esse olhar lançado para a construção do “eu” e do “outro” pode ser encaminhado para as reflexões sobre as diferenças nos debates da inclusão. A expressão *incluir* pode tornar-se um paradoxo, uma vez que o “outro” é parte inerente do “eu” e, por si só, já deveria estar incluído. Nesse sentido, a dimensão dada para a diferença do “outro” na possibilidade de aceitação ou negatividade se consolidará a partir da concepção e da relação estabelecida entre o “eu e o outro”.

Na trama da eleição do “Papa dos Loucos” a dicotomia de aceitação e negação de Quasímodo pode marcar os conflitos inerentes à relação do “eu” e do “outro”. Aceitar a diferença do Corcunda no enredo da história, elegendo-o como o “Papa dos Loucos”, pode representar um grito e um clamor do povo de Paris contra a Igreja. A diferença, neste sentido, assume uma função simbólica de possibilitar uma afronta àquele que oprime, trazendo como marca a identificação, numa relação que chega a envolver questões ligadas à afetividade. Nesta linha, se lançarmos um olhar geral

sobre a educação, verificaremos que isto se explica na relação com os deficientes, mas se faz presente em todas as práticas educativas.

Assim, a relação entre o povo e o Corcunda ocorre numa dinâmica indissolúvel. O olhar encaminhado para a diferença de Quasímodo assume um papel de identificação e interação mútua, contra aquilo que os oprime. Porém, esse mesmo olhar para a constituição de Quasímodo pode servir para marcar a negação da sua diferença. O “Papa dos Loucos” é negado quando constituído pela “feiúra”, pela fragilidade e pela aberração. Isso demonstra a capacidade que o “eu” tem em não aceitar a diferença, quando não sabe muito bem como lidar com ela. Assim, a diferença do “outro” é negada quando passa a escancarar a fragilidade do “eu”.

Neste sentido, o conjunto de relações que envolve a trama do papado dos loucos, na obra de Victor Hugo, pode ser relacionado com a reflexão sobre a complexidade das diversas formas de interação humana, desde o seu aspecto psíquico à sua dinamicidade social.

### **LIVRO QUARTO: A LITERATURA ENTRE O REAL E O FICCIONAL**

Não temos a pretensão de discorrer grandes afirmações sobre as teorias que embasam o surgimento da Literatura nas sociedades que têm a cultura escrita como instrumento fundamental de intervenção no mundo. Pretendemos compreendê-la como uma manifestação de representação da realidade.

A Literatura ao longo da História apresenta um percurso dinâmico, cujas definições vão assumindo novas roupagens durante sua trajetória. Segundo, Rancière (1995):

*(...) em primeira análise é a passagem de um saber para uma arte (...) No século XVIII, a literatura não era a arte dos escritores, mas o saber dos letrados (...) No século XIX, essa palavra que designava um saber, passará a designar seu objeto. A literatura se torna propriamente a atividade daquele que escreve (...) (Rancière, 1995, p.25)*

A demarcação breve sobre a trajetória da Literatura serve para percebermos a idéia de movimento e dinamicidade pela qual se transformou ao longo da sua historicidade. Ela, de certo modo, está ligada à Arte e à difusão de saberes, tendo a escrita como sua forma de representação.

O que queremos chamar a atenção nessa discussão é que esse papel de difusão de saberes, que carrega a Literatura, pode demonstrar sua capacidade em representar o mundo, numa perspectiva interpretativa da realidade.

A representação e a interpretação da realidade que a Literatura demonstra assumir, não se processam de maneira neutra. Elas são frutos do conjunto de relações presentes nos trâmites das dinâmicas sociais, nas quais se inserem. Assim, a obra literária traz embutido um conjunto de intencionalidades, podendo até mesmo representar as relações de poder de uma sociedade.

O romance “O Corcunda de Notre-Dame” de Victor Hugo, representa, de modo explícito, um certo modo de interpretação da realidade. O autor destaca-se por sua característica de denúncia social, deixando evidente as relações de poder, assim como os conflitos intrinsecamente humanos, que marcam a sociedade no período da Idade Média.

A imagem de Quasímodo, como o estereótipo do “feio” caracteriza a construção social do estigma sobre a diferença, encarado numa perspectiva de desvio e de anormalidade. Uma importante contribuição para a compreensão da literatura como elemento interpretativo da realidade refere-se

à teoria de Vigotski sobre as relações entre o pensamento e linguagem. Para ele, o progresso entre o pensamento e linguagem não ocorre de modo paralelo: “as curvas de crescimento de ambos cruzam-se muitas vezes: podem atingir o mesmo ponto e correr lado a lado, e até mesmo fundir-se por algum tempo” (Vigotski, 1998, p.41). Pensamento e linguagem são elementos fundamentalmente interligados, presentes no processo de formação das funções psicológicas superiores.

Desse modo, a escrita assume um papel de grande importância no processo de constituição do pensamento e linguagem, uma vez que essa faz parte o sistema de signos criados pela sociedade ao longo da história, contribuindo para mudanças no desenvolvimento cultural de uma mesma sociedade. Vigotski assegura que a escrita requer “uma forma de fala mais elaborada, pois, uma vez que o tom da voz e o conhecimento prévio do tema estão excluídos, o autor fica obrigado a utilizar muito mais palavras (...) Ele define o sentido de uma palavra como a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência – sentido é um todo complexo, fluido e dinâmico” (Souza, 1997, p.134).

O que pretendemos elucidar é que a Literatura pode também representar uma forma de manifestação de linguagem, dotada de múltiplos sentidos e que evidencia as transformações históricas de uma cultura.

O romance “O Corcunda de Notre-Dame”, traz marcas do período medieval, explicitando os modos de se olhar para a diferença nesse momento da História da humanidade, assim como, contribui para a denúncia de que a concepção de deficiência é um fenômeno historicamente construído.

### **LIVRO QUINTO: INFÂNCIA, EDUCAÇÃO ESPECIAL E A ELEIÇÃO DO “PAPA DOS LOUCOS”**

O modo de constituição da infância ao longo da história tem fortes influências no pensamento da modernidade, é marcado pela ideologia positivista e pelo advento das ciências naturais, cujo ideário de indivíduo adquire uma dimensão significativa: o da racionalidade.

O conceito de infância está intimamente relacionado com o conceito de linguagem. Etimologicamente surge na Grécia antiga, “*in-fans*”, podendo ser compreendida como o “não falar” e com a ausência de linguagem. Logo, aquele que não tem linguagem é dotado de uma carência. Gagnebin (1997) aponta para duas grandes linhas que trazem influências marcantes para o modo de se pensar a infância na Modernidade:

*(...) A primeira linha, que nasce com Platão, atravessa a pedagogia cristã com Santo Agostinho, por exemplo, e chega até nós por meio do racionalismo cartesiano, no que diz que a infância é um mal necessário, uma condição próxima do estado animalesco e primitivo, e que, como as crianças são seres privados de razão, elas devem ser corrigidas nas suas tendências selvagens (...) A segunda linha, é importante ressaltar, também nasce em Platão, atravessa o renascimento com Montaigne e chega a nossas escolas ditas alternativas por meio do romantismo de Rousseau. Ela nos assegura que não serve de nada querer encher as crianças de ensinamentos, de regras, de normas, de conteúdos, mas que a verdadeira educação consiste muito mais num preparo adequado de suas almas para que nelas, por impulso próprio e natural, possa crescer e se desenvolver a inteligência de cada criança (...)* (Gagnebin, 1997, p.85)

Assim, à infância fica restrito um olhar de algo incompleto, uma vez que constitui numa etapa marcada pela “falta de: razão e de linguagem”. A infância está relacionada com a idéia do devir, ou seja, daquele que não é, mas que “virá-a-ser”.

Do mesmo modo a sociedade contemporânea lança seus olhares para a infância, tendo como elemento básico das dinâmicas sociais a influência da relação capital e trabalho. Nessa perspectiva o homem pode ser compreendido como aquele que produz bens a serem consumidos, ou seja, um olhar fortemente marcado pela idéia de produção, mercado e consumo.

A infância dessa sociedade não se constitui de forma descontextualizada da concepção de homem produtivo. O modo de se pensar essa infância pode estar relacionado com a formação de “produtores e consumidores”. A escola dessa sociedade é organizada para a formação dessa infância. Ela sofre influências diretas dos aspectos ideológicos dessa mesma sociedade, presentes, por exemplo, no modo de constituição dos currículos escolares, que acaba por assumir marcas de uma visão mercadológica de educação.

Assim como o olhar lançado para a infância sofre influências de uma ideologia de produtividade e consumo, a visão lançada para a deficiência é marcada pela mesma lógica. O ponto fundamental que diferencia o percurso da infância, com o percurso do deficiente é exatamente a idéia do devir.

A infância é marcada por uma idéia de movimento: o “vir-a-ser”, o “tornar-se”. Ao deficiente/diferente é determinado um olhar de estagnação: aquele que é “incapaz de” ou mesmo que seja capaz de algo, nunca será “completo”.

A negação da diferença também se relaciona com aspectos da subjetividade. Negar ou aceitar o diferente pode estar relacionado com os modos das interações entre o (s) “eu (s)” e “outro (s)”, ou seja, com a negação da fragilidade do próprio “eu” no processo de interação com o “meu outro”.

A eleição do “Papa dos Loucos” de Victor Hugo, nesse sentido, se assemelha às formas de aceitação e negação da diferença, a partir do atual contexto de implementação de políticas públicas para a educação especial. Ao mesmo tempo em que se inclui o diferente, sob o rótulo de “alunos com necessidades educacionais especiais”, possibilitando a ele o acesso à escola inclusiva, nega-o, por não oportunizar-lhe igualdade de condições no processo de acessibilidade social, criando, principalmente, barreiras atitudinais no seu processo de interação com a sociedade.

Incluir o diferente requer não somente uma escola inclusiva, mas uma sociedade inclusiva e que saiba lidar com complexidade das diferenças. Cabe aqui uma provocação que não será respondida diretamente por Victor Hugo, mas que pode ser interpretada a partir da obra “O Corcunda de Notre-Dame”: Será que as práticas de inclusão também não elegem alguns “Papás dos Loucos” ao tentar incluir aqueles indivíduos cuja beleza só pode ser vista quando tenta camuflar a dificuldade coletiva em lidar com a diferença?

Ou ainda, será que a produção dos nossos “Papás dos Loucos” não se relaciona com nossas práticas educativas, pois eles parecem sempre nos indicar ou até mesmo nos revelar duas faces de nossa constituição enquanto sujeitos: uma na qual vivemos a ilusão da completude na vida adulta e a outra que escancara essa incompletude explícita na própria infância. Porque a infância não é humanidade completa e acabada. É por que a infância é, como diz Lyotard, “in-humana que, talvez, ela nos indica o que há de mais verdadeiro no pensamento humano: a saber, sua incompletude” (Gagnebin, 1997, p.99). Assim, a criança revela a nós o que somos e o que tentamos a todo custo esconder: seres incompletos, inacabados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Alice Beatriz B.I.: *A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>
- GAGNEBIN, J. M.: Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI, Paulo. *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GOFFMAN, Erving: *Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HUGO, Victor: *O Corcunda de Notre-Dame*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- KASSAR, Mônica: *Deficiência múltipla e educação no Brasil: discurso e silêncio na história de sujeitos*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- RANCIÈRE, Jacques: *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- SOUZA, Solange Jobim: *Infância e linguagem*. Campinas: Papyrus, 1994.
- VIGOTSKI, L. S.: *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

### ABSTRACT:

*The present article aims to discuss issues regarding to special education, childhood and literature, from established relations with Victor Hugo's piece "The Hunchback of Notre- Dame". In this context, the idea of social construction of stigmas present at the relations with the difference and the diversity, as well as notions about becoming are highlighted. As a theoretical reference for understanding the process of differences denial, the authors use Wallon's concepts about affectivity.*

*Keywords: Special education; Literature; Childhood*